



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE CEILÂNDIA - FCE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

DÓRIS ALVES HENRIQUES VIANA

NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE
MULHERES DO SOL NASCENTE - CEILÂNDIA-DF

Brasília – DF

2014

DÓRIS ALVES HENRIQUES VIANA

NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE
MULHERES DO SOL NASCENTE - CEILÂNDIA-DF

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade de Brasília - Faculdade de
Ceilândia como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Terapia
Ocupacional.

Professora Orientadora: Prof^a Msc. Josenaide
Engracia dos Santos

Brasília-DF

2014

Ficha Catalográfica

Viana, Dóris Alves Henriques.

Narrativas sobre violência doméstica de mulheres do Sol Nascente
Ceilândia-DF/Dóris Alves Henriques Viana –2014.

Nº de f. 48

Monografia (Bacharel em Terapia Ocupacional) – Universidade de
Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília, 2014.

Orientação: Profª. Msc. Josenaide Engracia dos Santos.

1. Violência Doméstica. 2. Assistência. 3. Cidadania.

DÓRIS ALVES HENRIQUES VIANA

NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE MULHERES DO SOL NASCENTE - CEILÂNDIA-DF

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília -
Faculdade de Ceilândia como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Msc Josenaide Engracia dos Santos - Orientadora

FCE/UnB

Terapeuta Ocupacional Nadja Waleria Vilela Câmara – Membro Externo

Secretaria de Saúde do Distrito Federal

Diretor do Centro de Saúde 08 de Ceilândia Edson Martins de Menezes – Membro Externo

Secretaria de Saúde do Distrito Federal

Aprovado em:

Brasília,.....de.....de.....

Dedico esse trabalho a minha mãe Maria José, pelo exemplo de luta no exercício do papel de mãe, pai e amiga, na minha criação e dos meus irmãos. Pelo apoio, pelas orações e pelo seu imenso amor.

Ao meu amado esposo Marcos, minha luz. Grande responsável pelo meu crescimento acadêmico. Sempre me dando forças, acreditando em mim mais do que eu mesma, me consolando quando os dias eram difíceis e pareciam não ter fim. Pela compreensão diante das atribuições que uma graduação exige. Por caminhar ao meu lado sempre.

Dedico também a todas as mulheres que sofreram ou ainda sofrem violência doméstica e que, de alguma forma, buscam força para vislumbrar um novo caminho para buscar a chance de ter esperança e ser feliz.

AGRADECIMENTOS

Chegar a essa etapa é uma conquista muito esperada não somente por mim, mas, também por aqueles que sempre estiveram ao meu lado, contribuindo de forma direta ou indireta com apoio, força e amor, nos momentos de dificuldades que muitas vezes pareciam não ter fim e naqueles em que a felicidade teve um sabor mais apurado por ser imensamente aguardada. Muitos merecem o meus sinceros agradecimentos.

Ao meu pai Luiz (*in memoriam*), que mesmo partindo de forma precoce, pôde me passar o valor de lutar por aquilo que é importante para si, mesmo quando muitos dizem que você não consegue.

Aos meus queridos irmãos Dorival e Junior, os quais amo e me orgulham muito.

Minhas amadas sobrinhas Karolyne e Isabella, amores e alegrias da minha vida.

Tia Maria Preta, pessoa linda que abriu as portas do seu lar acolhedor para mim e minha família. Abraçou-nos com seu imenso amor e sabedoria. Foi o apoio essencial em momentos que pensamos estar sozinhos. Eu te amo tia.

Idelma e Bete, duas pessoas maravilhosas com grande senso de respeito ao outro. Sempre presentes em minha vida, com palavras e atitudes que me fizeram ter o sentimento de ser da família. Aconselhando do quanto é importante estudar e não importa a idade, basta o momento. Basta ter um sonho. Que não devemos deixar as oportunidades passarem por nós, e principalmente que, de tudo na vida devemos tirar uma lição e “*se a vida lhe der limões faça uma limonada*” (palavras da Idelma, desde sempre).

Amigas/irmãs Susana e Edilma, duas pessoas maravilhosas que sempre estiveram ao meu lado assumindo o papel de melhores amigas do mundo. Amo vocês.

Amigos que conquistei na UnB, Fabí, Luísa, Talita, Duda, Aninha, Carol, Kellytcha, Rani, Nayara, Anne, Jackellyne, Iris, Juliana, Messias, Dyego. Amigos que estão presentes em grandes momentos.

À minha orientadora Josenaide, pela atenção, cuidados, compreensão, sensibilidade e paciência. Por trazer aos nossos encontros além das deliciosas gargalhadas, sua experiência, daquelas que não encontramos nos livros. Contribuir com riqueza não somente para o trabalho que me orgulho de finalizarmos, mas também para o meu crescimento como futura profissional e mais, como pessoa. Para a vida. Obrigada.

Agradeço à Nadja Câmara e Edson Menezes por compor a banca examinadora enriquecendo o trabalho.

À Universidade de Brasília, pela chance de fazer parte desse espaço que considero rico em ideias e oportunidades. Aos demais funcionários da Secretaria, SAA, PPNE, SOE, biblioteca, equipe de segurança, assistência técnica e serviços gerais, sem eles, nosso dia a dia na universidade não seria possível.

Agradeço ao Centro de Saúde 08 de Ceilândia, espaço de grandes experiências, que tornou possível a nossa pesquisa.

À professora Carla Nunes de Araújo, por ter tido a sensibilidade de me ouvir num momento de inquietude. Obrigada.

Agradeço a Deus por todas as oportunidades, pela minha história, minha vida e por todas as pessoas que amo.

“aí queria trabalhar fora e aí num deixava [...] só ficava dentro de casa, né? engordando, criando os filhos e submissa. Não me batia, só que eu não tinha direito de nada”.

(Rosa)

RESUMO

VIANA, DAH. Narrativas sobre violência doméstica de mulheres do Sol Nascente-Ceilândia-DF. 2014. 48 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Ceilândia, Universidade de Brasília (UnB), curso de Terapia Ocupacional, Brasília, 2014.

A violência doméstica, um dos grandes problemas da sociedade, é considerada uma questão de saúde pública e é objeto de estudo neste trabalho com o seguinte objetivo: Compreender o significado da violência doméstica pelas mulheres do Sol Nascente-Ceilândia-DF. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que tem como teoria conceitual metodológica, o construcionismo social. O cenário da pesquisa está vinculado ao Centro de Saúde 08 de Ceilândia, mais especificamente ao Condomínio Sol Nascente no P Norte. O instrumento de pesquisa foi a entrevista semiestruturada. A análise de dados foi realizada por meio de Mapa de Associação de Ideias. Os resultados sinalizam que as mulheres nomeiam a dor como: submissão, tristeza, exposição da família; descrevem a dor como: psicológica, moral, física; explicam a dor, a partir da concepção: espiritual, reprodução de comportamento, influência da mídia, estresse ocupacional; se posicionam quanto a: busca de ajuda na justiça, na saúde e da conscientização. Considerações: A mulher vítima de violência doméstica necessita de orientação, apoio e suporte por parte dos serviços de saúde e assistência jurídica para lidar com os conflitos e sofrimentos causados pela violência e dessa forma torna-se possível à mulher ter acesso à cidadania plena dar o amparo necessário aos demais integrantes da família e principalmente a si própria.

Palavras chaves: Violência Doméstica, Assistência, Cidadania.

ABSTRACT

VIANA, DAH. Narratives of women from domestic violence from Ceilândia-DF. 2014. Completion of course work (undergraduate) – Faculdade de Ceilândia (Faculty of Ceilândia), Universidade de Brasília (University of Brasilia), Occupational Therapy major, Brasilia, 2014.

Domestic violence, one of the major problems of society, is considered a public health issue and has been studied in this work with the following objective: Understand the meaning of domestic violence by women in Ceilândia-DF. This is a qualitative research whose methodological conceptual theory is social constructionism. The research scenario is linked to the Centro de Saúde 08 de Ceilândia (Health Centre 08 of Ceilândia) more specifically in the Condomínio Sol Nascente do P Norte (Sunrise Condominium of P North). The survey instrument was a semi-structured interview. Data analysis was performed using Map of Association of Ideas. The results indicate that women name the pain as: submission, sadness, family exposure; describe the pain as psychological, moral, physical; explain the pain, from the design: spiritual, reproductive behavior, media influence, occupational stress; position themselves as: seeking help in justice, health and awareness. Considerations: The woman victim of domestic violence needs guidance, help and support on the part of health and legal services to deal with conflict and suffering caused by violence and in this way it becomes possible for women to have access to full citizenship give the necessary support the other members of the family and especially herself.

Key words: Domestic Violence, Assistance, citizenship.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	- Agente Comunitário de Saúde
ARIS	- Área de Regularização de Interesse Social
CEI	- Campanha de Erradicação das Invasões
CODEPLAN	- Companhia de Planejamento do Distrito Federal
CRAM	- Centro de Referência de Atendimento à Mulher
DEAM	- Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher
DF	- Distrito Federal
DODF	- Diário Oficial do Distrito Federal
EQNP	- Entre Quadra Norte P
FEPECS	- Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde
NAFAVD	- Núcleo de Atendimento às Famílias e aos Autores de Violência Doméstica
OEА	- Organização dos Estados Americanos
OMS	- Organização Mundial da Saúde
ONGs	- Organizações Não Governamentais
ONU	- Organização das Nações Unidas
PET	- Programa de Educação pelo Trabalho
RA	- Região Administrativa
SISPRO/MPDFT	- Sistema de Controle de Processos do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios
SUAG	- Subsecretaria de Administração Geral
TCLE	- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCB	- Universidade Católica de Brasília
UnB	- Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 REFERENCIAL TEÓRICO	2
2.1 Conceitos e históricos de violência	3
2.2 Tipos de violência	4
2.2.1. Violência física	4
2.2.2. Violência psicológica	5
2.2.3. Violência sexual	5
2.2.4. Violência patrimonial	6
2.2.5. Violência moral	7
3 INSTRUMENTO DE COMBATE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	7
3.1 Formas de assistência à violência doméstica	9
3.2 Violência e assistência no Distrito Federal	10
4 OBJETIVOS	11
4.1 Objetivo geral	11
4.2 Objetivos específicos	11
5 METODOLOGIA	12
5.1 Cenário da pesquisa	13
5.1.1 Ceilândia – Distrito Federal – DF (RA-IX) - Condomínio Sol Nascente ..	14
5.2 Sujeitos da pesquisa	14
5.3 Instrumentos para coleta de dados	15
5.4 Análise dos dados	15
5.5 Aspectos éticos	16

6 RESULTADOS - MOSAICO DE NARRATIVAS	16
6.1 Nomeação da violência doméstica	16
6.2 Descrição da violência	18
6.2.1 Violência física	18
6.2.2 Violência psicológica	19
6.2.3 Violência sexual	20
6.2.4 Violência moral	21
6.3 Concepções sobre a violência doméstica	21
6.4 Posicionamento diante da violência	25
7 DISCUSSÃO	28
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30
APÊNDICE	35
Apêndice A - Perguntas Norteadoras	35
ANEXOS	35
Anexo A –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	36
Anexo B – Parecer do CEP	37
Anexo C - Mapas de Associação de Ideias	38

1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica é um problema que atinge milhares pessoas, em grande número de vezes de forma silenciosa e dissimulada, é um problema que acomete ambos os sexos e todas as idades e não costuma respeitar nenhum nível social, econômico, religioso ou cultural específico. Contudo, segundo dados Ballone (2008) as mulheres são vítimas em 84,3% dos casos. Com mais frequência, as vítimas estão nas seguintes faixas etárias: 24,6% de 18 a 35 anos, 21,3% de 36 a 45 anos e 13% de 46 a 55 anos.

De acordo com Monteiro e Souza (2007), a violência que se manifesta na dimensão da desigualdade e é uma ameaça permanente à vida por sua alusão à morte e ainda por se caracterizar pela passividade e silêncio da vítima. Situação preocupante principalmente no contexto do Distrito Federal, na qual a violência doméstica tem como cenário maior a cidade de Ceilândia - DF. Segundo dados do Sistema de Controle de Processos do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (SISPRO/MPDFT), Ceilândia é a cidade que mais recebeu procedimentos relacionados à violência doméstica entre janeiro de 2008 e julho de 2009 (MPDFT, 2009). Somente no mês de julho de 2009, o 2º Juizado Especial Criminal recebeu mais de 500 novos casos para julgamento, incluídos os crimes de menor potencial ofensivo e os abrangidos pela Lei Maria da Penha, segundo a Promotoria de Justiça da Ceilândia, a violência doméstica responde por cerca de 70% das demandas de Ceilândia.

O interesse na violência doméstica é para compreender o fenômeno que vai além de uma situação de justiça, pelo contrário é um problema que perpassa a questão social cada vez mais presente nas cidades. Trata-se de um terreno complexo e a proposta é tão somente situar a perspectiva linguística que vem sendo usada na psicologia social e também no cotidiano para dar sentidos a objetos e eventos sociais relacionados à violência doméstica. Para tanto, o objetivo é saber como essas mulheres que residem em Ceilândia compreendem a violência doméstica, como nomeiam, como explicam, como descrevem e como se posicionam diante da violência doméstica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Conceito e históricos de violência

A violência doméstica sempre esteve presente na história da humanidade e somente a partir da década de 90 foi reconhecida como agravo à saúde pública por instituições internacionais, assim como a Organização Mundial da Saúde - OMS, (JONG, 2008). É um problema grave que aflige toda a sociedade independente da classe social, graus de escolaridade, idades, etnias e religiões. “Violência corresponde ao uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar alguém a fazer algo que não quer, é tolher a liberdade, impedir que o outro manifeste seu desejo e sua vontade, ou seja, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano” (TELES, MELO, 2003, p. 12), em especial a violência doméstica.

A violência doméstica afeta os diversos campos da vida da mulher: a saúde, relacionado ao físico e psicológico, o trabalho e no aspecto social, (Fonseca, 2012). Segundo Ribeiro e Coutinho (2011), um em cada cinco dias de falta ao trabalho é causado pela violência sofrida pelas mulheres dentro de suas casas; a cada cinco anos, a mulher perde um ano de vida saudável se ela sofre violência doméstica.

A fragilização dessas vítimas pode incluir efeitos permanentes na autoestima e autoimagem, deixando-as com menos possibilidade de se proteger, menos seguras do seu valor e dos seus limites pessoais, e mais propensas a aceitar a vitimização como sendo parte de sua condição de mulher. (ADEODATO, 2005, p. 109).

A sociedade com fortes características patriarcais mantém a mulher cada vez mais em papel de submissão e essa condição é reforçada com a justificativa de razões biológicas do homem comparadas à mulher que é considerada sensível, frágil, com comportamento recatado, predomínio das relações afetivas em relação às intelectuais e outros mais, enquanto que o homem fisicamente mais forte que a mulher, o que gera autoridade, dito como mais racional e sexualidade desenfreada, tais “características” foram suficientes para manter a mulher submissa e com comportamento que não colocasse em risco sua reputação. Del Priore apud Soihet (2001).

De acordo com Del Priore (2000) análises historiográficas reforçam a interpretação de uma sociedade patriarcal, instalada desde os primórdios da colonização, na qual as

mulheres eram apresentadas como submissas e dependentes do domínio masculino, além de vulneráveis.

Culturas primitivas colocam a mulher no papel de submissão e inferioridade a partir de sua complexa estrutura biológica e fisiológica. A vagina, o ciclo menstrual e a possibilidade de gerar um bebê e dar a luz são fatores considerados misteriosos que representam perigo. Assim, já que não há como entendê-los e explicá-los, foi “necessário” que o homem criasse estratégias de domínio sob o que representa a mulher de forma a depreciá-la e ao mesmo tempo tornar essa condição natural, internalizando-a, Leal (2004).

Até aqui procuramos mostrar que as mulheres, na concepção dos homens primitivos (também na dos modernos), representam perigo. Foi necessário, portanto, que os homens procurassem meios e modos para dominar essa fonte original de terror e de ansiedade. [...]. A solução encontrada foi criar rígidos mecanismos de controle ideológico que trouxessem o feminino domesticado. Era necessário que tais mecanismos não permanecessem imposto pelos homens e funcionando apenas na presença destes; mas que fossem internalizados pela mulher, que se tornaria autocontrolada (LEAL, 2004, p.13).

A condição de submissão da mulher em relação ao homem segundo Yalom (2002) vem desde Adão e Eva, citado no segundo capítulo do Livro de Gênesis, quando esta teve sua origem a partir da costela de Adão, o que a colocou em condição de inferioridade em relação ao homem.

[...] a criação de Eva a partir da costela de Adão – foi a base do argumento da Idade Antiga de que a mulher é intrinsecamente inferior ao homem e sua dependente para a própria existência. Até mesmo a palavra *icha*, em hebraico, ou *woman* – de *man* (homem, em inglês) sugere esta posição de inferioridade (YALON, 2002, p. 22).

Essa ideia de relação de inferioridade, possivelmente influenciou nos tipos de violências vivenciadas no mundo contemporâneo que é a violência de gênero, um problema mundial ligado ao poder, privilégios e controle masculinos. Atinge as mulheres, independente de idade, cor, etnia, religião, nacionalidade, opção sexual ou condição social. O efeito, sobretudo social, afeta o bem-estar, a segurança, as possibilidades de educação e desenvolvimento pessoal e autoestima das mulheres, mais essas violências se apresentam em vários tipos como veremos adiante.

2.2 Tipos de violência.

A Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA) em 09 de junho de 1994, na Convenção Interamericana para Prevenir e Erradicar a Violência contra a Mulher discutiu a temática entendida como violência do ponto de vista físico, sexual, psicológica e de gênero (Convenção de Belém do Pará, 2004).

A Organização Mundial da Saúde, preocupada com os altos índices registrados sobre a violência doméstica, reconhece que a problemática representa questão de saúde pública e orienta quanto à necessidade de implantação de campanhas nacionais de alerta e prevenção em prol da sociedade (IZUMINO, 2004). A violência caracteriza uma violação dos direitos humanos e liberdades fundamentais. Dentro das várias formas de violência, temos a violência íntima, agressão de ordem física, psicológica, sexual entre outras (MOTA, 2004), como veremos abaixo.

2.2.1. Violência física

Entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal (BRASIL, 2006). Ocorre quando uma pessoa, que está com poder em relação à outra, causa ou tenta causar dano não acidental, por meio de força física ou de algum tipo de arma que pode provocar lesões externas, internas ou ambas.

É uma convivência na qual, determinada pessoa em relação de poder ligada a outra pessoa, através de força física, uso de qualquer tipo de arma que podem ou não provocar lesões internas e/ou externas, ainda castigo repetitivo não severo também se configura violência física (BRASIL, 2002). Pode ser de várias formas: tapas; empurrões; socos; mordidas; chutes; queimaduras; cortes; estrangulamento; lesões por armas ou objetos; obrigar a tomar medicamentos desnecessários ou inadequados, álcool, drogas ou outras substâncias, inclusive alimentos; tirar de casa à força; amarrar; arrastar; arrancar a roupa; abandonar em lugares desconhecidos; danos à integridade corporal decorrentes de negligência (omissão de cuidados e proteção contra agravos evitáveis como situações de perigo, doenças, gravidez, alimentação, higiene, entre outros) (BRASIL, 2002).

2.2.2. Violência psicológica

Entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006). Ocorre quando uma pessoa submete outra a humilhações e ações ou omissões que causam ou visam causar dano à autoestima, à identidade e ao desenvolvimento da pessoa.

Qualquer ação ou omissão que cause ou venha causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. E podem ser através de: insultos constantes; humilhação; desvalorização; chantagem; isolamento de amigos e familiares; ridicularização; rechaço; manipulação afetiva; exploração; negligência (atos de omissão a cuidados e proteção contra agravos evitáveis como situações de perigo, doenças, gravidez, alimentação, higiene, entre outros); ameaças; privação arbitrária da liberdade (impedimento de trabalhar, estudar, cuidar da aparência pessoal, gerenciar o próprio dinheiro, brincar, etc.); confinamento doméstico; críticas pelo desempenho sexual; omissão de carinho; negar atenção e supervisão (BRASIL, 2002).

2.2.3. Violência sexual

Entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação, uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo, que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno, manipulação; que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2006).

De acordo com o Ministério da Saúde (2002, p. 19), É toda a ação na qual uma pessoa é forçada por meio da coerção ou intimidação psicológica a manter relação sexual contra a sua vontade, que seja envolvida em prática sexual que lhe cause constrangimento, e a partir o agressor obtenha benefícios. A violência sexual ocorre em uma variedade de

situações como estupro, sexo forçado no casamento, abuso sexual infantil, abuso incestuoso e assédio sexual. E inclui: carícias não desejadas; penetração oral, anal ou genital, com pênis ou objetos de forma forçada; exposição obrigatória a material pornográfico; exibicionismo e masturbação forçados; uso de linguagem erotizada, em situação inadequada; impedimento ao uso de qualquer método contraceptivo ou negação por parte do parceiro (a) em utilizar preservativo; ser forçado (a) a ter ou presenciar relações sexuais com outras pessoas, além do casal (BRASIL, 2002).

Como vimos, a violência sexual é toda a ação na qual uma pessoa em relação de poder e por meio de força física, coerção ou intimidação psicológica, obriga uma ou outra ao ato sexual contra a sua vontade. Conforme o caderno de Caderno de Violência Doméstica e Sexual Contra a Mulher, São Paulo (2007) Conceitua tipos de violência sexual.

Abuso incestuoso: é o abuso sexual envolvendo pai ou outro parente próximo, que se encontra em uma posição de maior poder em relação à vítima. • **Sexo forçado no casamento:** a mulher é constrangida a manter relações sexuais como parte de suas obrigações de esposa. • **Assédio sexual no local de trabalho:** atitudes de conotação sexual em que ocorre constrangimento de uma das partes, através do uso do poder de um superior na hierarquia em instituições de ensino e locais de trabalho e onde quer que se estabeleçam relações desiguais de poder. • **Estupro** - quando a mulher é obrigada a manter relações sexuais vaginais sob ameaça ou violência. • **Atentado violento ao pudor** - quando a mulher é obrigada a manter relação sexual anal, oral ou qualquer outro contato íntimo que não seja relação sexual vaginal ou quando é obrigada a presenciar outras pessoas tendo relações sexuais. (SÃO PAULO, 2007, p.13- 14).

2.2.4. Violência patrimonial

Entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades (BRASIL, 2006).

A Violência Patrimonial citada na Lei Maria da Penha é semelhante à Violência Econômica ou Financeira que o Caderno de Atenção Básica do Ministério da Saúde detalha como: atos de destruição ou omissão por parte do agressor e que abalam a saúde emocional e a segurança dos membros da família. Dentre eles: roubo; destruição de bens pessoais (roupas, objetos, documentos, animais de estimação e outros) ou de bens da sociedade conjugal (residência, móveis e utensílios domésticos, terras e outros); recusa de

pagar a pensão alimentícia ou de participar nos gastos básicos para a; sobrevivência do núcleo familiar; uso dos recursos econômicos de pessoa idosa, tutelada ou incapaz, destituindo-a de gerir; seus próprios recursos e deixando-a sem provimentos e cuidados (Brasil, 2002).

2.2.5. Violência moral

Entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006). O Ministério da Saúde não traz nenhuma referencia à violência moral. (BRASIL, 2002).

3 INSTRUMENTO DE COMBATE A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A violência doméstica é considerada pela literatura um problema de saúde pública e requer instrumentos que possa acabá-las ou inibi-las e para tanto as leis definem o que é violência. A Lei nº 11.340/06 (Brasil, 2006) no inciso I do artigo 5º, prevê que violência doméstica e familiar contra a mulher é qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial, no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas.

A Lei Maria da Penha, Lei nº 11.340 de 2006 (BRASIL, 2006) subentende que violência física decorre de qualquer conduta que possa ferir e causar danos ao corpo como por tapas, empurrões, chutes, murros, perfurações, queimaduras e outros; violência patrimonial está relacionada à destruição, retenção ou subtração total ou parcial de bens materiais, objetos, documentos de outrem; violência sexual, entre outros tipos de manifestação, ocorre quando o agressor obriga a vítima, por meio de conduta que a constranja, a presenciar, manter ou a participar de relação sexual não desejada; violência moral constitui qualquer conduta que caracterize calúnia, difamação ou injúria e a violência psicológica ou emocional é silenciosa, deixa marcas profundas, com efeito cumulativo, tendo como característica qualquer conduta que cause dano emocional como exemplo a “diminuição da autoestima, coação, humilhações, imposições, jogos de poder,

desvalorização, xingamentos, gritos, desprezo, desrespeito, enfim, todas as ações que caracterizem transgressão dos valores morais” (FONSECA, 2012).

O Código Penal, criado e escrito por homens, favorecia a classe masculina no que diz respeito o exercício das penas. O marido tinha de certa forma o direito de “punir” sua esposa quando fosse necessário. A violência contra a mulher está tão naturalizada na sociedade que, até 1830, nas ordenações do reino, código que regia o império português, incluindo o Brasil, o homem poderia matar a mulher considerada adúltera e “é permitido ao marido emendar a mulher das más manhas pelo uso da chibata” (AZEVEDO, 1985, p. 37). Seguindo esta tradição, as punições as quais os homens eram submetidos acabavam sendo brandas e leves. No Código Penal Brasileiro de 7 de dezembro de 1940, continha até o ano de 2005 em seu texto, no artigo 215, 216 e 219 o termo “mulher honesta”, ou seja, só era protegida pela lei, e ainda assim, como dito anteriormente, através de uma punição muitas das vezes simbólica, a mulher que era considerada “honestas” pela sociedade, ou seja, de boa família e com conduta ilibada, somente em 2005 a Lei nº 11.106, de 2005 retirou este termo do código penal, porém o título do artigo 215, posse sexual mediante fraude, continuou inalterado até 2009, quando a palavra “posse” foi trocada por violação. Em 2007 veio à tona o caso do juiz Edilson Rumbelsperger Rodrigues da comarca de Sete Lagoas, Minas Gerais, que reiteradas vezes negou a aplicação da Lei Maria da Penha alegando que:

“Esta ‘Lei Maria da Penha’ — como posta ou editada — é, portanto, de uma heresia manifesta. Herética porque é anti-ética; herética porque fere a lógica de Deus; herética porque é inconstitucional e por tudo isso flagrantemente injusta. Ora! A desgraça humana começou no Éden: por causa da mulher — todos nós sabemos — mas também em virtude da ingenuidade, da tolice e da fragilidade emocional do homem. Deus então, irado, vaticinou, para ambos. E para a mulher, disse: ‘(...) o teu desejo será para o teu marido e ele te dominará (...)’”
“O mundo é masculino! A ideia que temos de Deus é masculina! Jesus foi Homem! Á própria Maria — inobstante a sua santidade, o respeito ao seu sofrimento (que inclusive a credenciou como ‘advogada’ nossa diante do Tribunal Divino) — Jesus ainda assim a advertiu, para que também as coisas fossem postas cada uma em seu devido lugar: ‘que tenho contigo, mulher!?’.” (Autos nº 222.942-8/06) in CONJUR (2007).

A referência acima causa terror e denuncia que o machismo é algo que se encontra impregnado no pensamento da sociedade como um todo em decorrência do que, culturalmente e repetidamente, é passado por ela. Todavia mesmo com a referência do juiz sendo injusta, os direitos das mulheres são garantidos perante a lei e a sociedade civil, hoje muito mais organizada.

3.1 Formas de assistência à violência doméstica.

Segundo São Paulo (2007) as mulheres que fazem uso dos serviços de saúde são em maior quantidade em relação aos homens e elas procuram ter o acesso devido aos casos de violência.

Nos serviços de saúde os números de violência doméstica são ainda maiores, já que mulheres em situação de violência tendem a usar os serviços com maior frequência. Podemos imaginar, portanto, que uma parte considerável de nossas pacientes (de um quarto a metade) podem sofrer ou ter sofrido violência física ou sexual pelo parceiro na vida (SÃO PAULO, 2007, p. 26).

A situação de violência leva a um sofrimento crônico que parece debilitar as possibilidades da mulher de cuidar de si mesma e dos outros. Os estudos mostram que estas mulheres são mais propensas a: abuso de álcool, tabaco e drogas, possibilidade de sexo inseguro, entrada tardia no pré-natal, e pior adesão ao exame de prevenção de câncer cérvico-uterino (Schraiberet, *et al.*, 2002a);

A abordagem do problema violência doméstica nos serviços, requer uma técnica específica de conversa e um bom conhecimento de referências existentes (jurídico, policial, serviço social, psicologia, ONGs, organizações religiosas, esportivas. culturais) para que o profissional possa apoiar a mulher a tomar a decisão sobre a melhor alternativa no seu caso.

Existem muitos serviços, até do setor Saúde, São Paulo (2007), que atuam no acolhimento a mulheres, qualquer profissional de saúde bem treinado e sensível pode acolher as mulheres em situação de violência, seja ele médico, enfermeiro, psicólogo, assistente social ou agente comunitário de saúde. Alguns serviços podem estar trabalhando com atenção a homens que são agressores, ou homens que gostariam de evitar também a violência, outros, podem ser de advogados, delegacias de defesa da mulher, ou delegacias comuns, ONGs ou serviço de clínica psicológica. É importante conhecê-los e ter um cadastro atualizado, para encaminhar casos e trocar experiências (São Paulo, 2007, p. 25).

3.2 Violência e assistência no Distrito Federal

O Distrito Federal na sua rede de assistência a saúde criou o Centro de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM), que são espaços de orientação e de apoio jurídico, psicológico e social a todas as mulheres, principalmente as que se encontram em situação de violência, são atendidas por técnicos especializados que buscam orientá-las sobre a melhor forma de superar o problema. Eles estão previstos no Plano Nacional de Violência contra a Mulher. No DF, a implantação do serviço vem sendo feita pela Secretaria da Mulher. O DF possui atualmente três centros, na rodoviária do plano piloto, na estação 102 sul do metrô e em Planaltina e de acordo com a secretaria está para ser inaugurada uma unidade no centro de Ceilândia, segundo informou gerente de Planejamento e Orçamento da Subsecretaria de Administração Geral (SUAG) da Secretaria da Mulher (Distrito Federal, 2014).

A mulher vítima de violência doméstica pode registrar ocorrência na delegacia mais próxima de sua residência ou dirigir-se à Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (DEAM), situada na EQS 204/205 – Asa Sul – Brasília- DF.

O Distrito Federal conta nove unidades de Núcleo de Atendimento às Famílias e aos Autores de Violência Doméstica (NAFAVD) que promove atendimento ao agressor através de acompanhamento psicológico isolado e familiar com o intuito de provocar conscientização quanto às atitudes do agressor e mudanças no comportamento.

Ainda na lógica da assistência jurídica, a Casa Abrigo é um recurso que a mulher e sua família podem utilizar. A unidade no Distrito Federal funciona desde 1993 em caráter sigiloso. Abriga a mulher que esteja sujeita a risco de morte e garante um local seguro, confortável e com estrutura para o bom funcionamento de ações interdisciplinares (Secretaria da Mulher, 2012).

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral:

Compreender o significado da violência doméstica para as mulheres de Ceilândia.

4.2 Objetivos específicos:

Nomear a violência doméstica a partir do olhar das mulheres de Ceilândia.

Descrever a violência doméstica a partir do olhar das mulheres de Ceilândia.

Apresentar o posicionamento das mulheres sobre a violência doméstica.

Explicar a violência doméstica a partir do olhar das mulheres de Ceilândia.

5 METODOLOGIA

Consiste em Pesquisa qualitativa com abordagem do construcionismo social método, que contempla aspectos da subjetividade.

Trata-se de uma modalidade de pesquisa qualitativa, que escuta os participantes para contemplar aspectos da subjetividade que emergem nas falas dos usuários e nas ações humanas (MINAYO, 1996).

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] (MINAYO, 1996, p. 205).

A base metodológica utilizada foi o construcionismo social que segundo Spink e Frezza (2004b) é baseado em 3 eixos fundamentais: tipificação, institucionalização e socialização que juntos explicam como se dá o processo de produção de sentido na vida cotidiana. Não adotando nenhum conceito prévio como verdade absoluta, pois essa teoria delineia que os conceitos que utilizamos para descrever e explicar são construções humanas, produto de nossas convenções e peculiaridades, portanto entende-se que o ser humano é um “produto social” imerso numa dinâmica de conservação e ruptura que moldam a realidade e possibilitam a ressignificação e a transformação social. Constituindo práticas discursivas como a principal ferramenta para entender essa rede de significados individuais (Spink, 2004a). “A Análise do Discurso permite uma relação mais próxima com a linguagem, uma vez que o discurso é a prática da linguagem e concebida como a intermediação entre o homem e a realidade social.” (ROSA, 2006).

A abordagem do construcionismo social foi escolhida como o método mais adequado para conduzir o estudo, pois se entende, assim, que as ações humanas são relatáveis e observáveis e que, as falas e experiências dos atores sociais forneceram dados relevantes para que o investigador, através dos encontros e conversas, amplie o acesso à produção de sentidos e à construção do mundo sociocultural desses sujeitos. (SPINK, 2000; COULON, 1995).

A significação da linguagem advém das formas através das quais funciona no interior de determinados padrões de relacionamentos, isto é, as palavras ganham

significados a partir de seu uso social, das maneiras pelas quais são empregadas nos relacionamentos.

A linguagem não possui apenas um papel reprodutivo, nem é simplesmente um reflexo da realidade, mas sim exerce uma função criativa ou de (re)interpretação da realidade (TRAVERSO-YÉPEZ, 2001, p.49-56). Ao trabalhar com Práticas Discursivas não estamos procurando estruturas ou formas usuais de associar conteúdos. Partimos do pressuposto que esses conteúdos associam-se de uma forma em determinados contextos, e de outras formas em outros contextos. Os sentidos são fluídos e contextuais. Os repertórios são colocados em movimento nos processos de interanimação dialógica a ser identificada nas falas das entrevistadas.

A pesquisa é fruto do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET da Universidade de Brasília (UNB) e Universidade Católica de Brasília (UCB) em convênio com Ministério da Saúde e Secretaria de Saúde do Distrito Federal, realizada na Comunidade de Ceilândia do Distrito Federal com as mulheres assistidas pela equipe de saúde da Família de Ceilândia – Sol nascente. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação para pesquisa em Saúde (FEPECS) do Distrito Federal (552/2011).

5.1 Cenário da pesquisa

Ceilândia, cidade constituída por aproximadamente 442.865 mil habitantes, sendo a maioria mulheres, que representam 51,78%. Número considerável de mulheres de origem nordestina 65%, em sua maioria semianalfabetas. 28,65% são provedoras do lar (CODEPLAN, 2013). O cenário da pesquisa foi o Condomínio Sol Nascente situado na cidade de Ceilândia – Distrito Federal (DF). A população do Sol Nascente é atendida no Centro de Saúde nº 8, localizado na EQNP 13/17 AE - A, B, C, D, área de Abrangência: (DISTRITO FEDERAL, 2012), P norte e adjacências. Atende as especialidades: Clínica médica, ginecologia/ obstetrícia, pediatria e odontologia, Programas especiais: hipertensos, diabéticos, DST, tuberculose, hanseníase, cárie zero, automassagem, imunização e saúde da família.

5.1.1 Ceilândia – Distrito Federal – DF (RA-IX) - Condomínio Sol Nascente

Ceilândia é uma região administrativa do Distrito Federal sendo também a maior, localizada a 26 km de Brasília, conta com uma área de 230,30 km² e aproximadamente 442.865 habitantes, 16% da população do DF. Teve sua origem a partir da Campanha de Erradicação das Invasões (CEI), na qual, foram trazidas todas as favelas existentes no Distrito Federal (DF).

No dia 27 de março de 1971 deu-se início a transferência das diversas invasões para a mais nova cidade. Os novos moradores, cerca de 80.000, eram anteriormente residentes da Vila do IAPI, Vila Tenório, Vila Esperança, Vila Bernardo Sayão e Morro do Querosene. Ceilândia não contava com nenhum tipo de infraestrutura, segurança, escolas, centros de saúde e outros que são fundamentais para uma população. A cidade crescia consideravelmente e novas regiões surgiam.

Atualmente está subdividida em setores, numa área total de 29.10 km², que são Ceilândia Centro, Ceilândia Norte, Ceilândia Sul, Setor P Sul, Setor P Norte e outros, dentre eles, encontra-se em processo de legalização o Condomínio Sol Nascente CODEPLAN (2013).

O Setor Habitacional Sol Nascente foi constituído pela Área de Regularização de Interesse Social – ARIS Sol Nascente pela Lei Complementar Nº 785, de 14 de novembro de 2008 e publicado no DODF de 21.11.2008. Localizada entre o Setor P Sul e Setor P Norte, o Sol Nascente encontra-se numa área situado em terreno de “concessão de uso que foi fracionado de forma irregular a partir da década de 1990 e intensificado a partir de 2000”. A população do Sol Nascente e do Pôr do Sol é de aproximadamente 80 mil habitantes sendo sua maioria homens (CODEPLAN, 2013).

5.2 Sujeitos da pesquisa

Mulheres atendidas pela equipe de saúde da família no Centro de Saúde nº 8 de Ceilândia. O procedimento de escolha e seleção foi realizado com a colaboração dos agentes comunitários de saúde (ACS). O estudo contemplou 05 mulheres, sendo o critério de inclusão, que o indivíduo tivesse idade superior a 18 anos e que aceitasse participar da pesquisa de forma voluntária e foi realizada em domicílio com os ACS.

5.3 Instrumentos para coleta de dados

O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, na qual o entrevistado fala à respeito de suas experiências tendo como garantia liberdade das respostas de acordo com o tema proposto pelo entrevistador (LIMA, et al, 1999). Por ser mais sistemática e porque continua dando ênfase ao contexto. Entendendo a entrevista como prática discursiva como ação, ou interação. Segundo Pinheiro (2004), a interação que se dá em um contexto, numa relação constantemente negociada, com característica de conversa. Numa conversa o locutor posiciona-se e posiciona o outro, ou seja, quando falamos, selecionamos o tom, as figuras, os trechos de histórias, os personagens que correspondem ao posicionamento assumido diante do outro que é posicionado por ele. (SPINK, 2004c p.17)

5.4 Análise dos dados

Os dados foram analisados mediante a árvore de associação das ideias que tem por objetivo sistematizar o processo de análise discursiva em busca dos aspectos da construção da linguística e dos repertórios utilizados conforme Spink e Lima (2000). É um recurso para produzir sentido e compreender determinadas passagens das entrevistas.

A técnica do mapa de associações de ideias envolveu os seguintes passos:

Utilizar um processador de dados tipo Word for Windows e digitar toda a entrevista; b) construir uma tabela com números de colunas correspondentes às categorias utilizadas; e c) usar as funções cortar e colar para transferir o conteúdo do texto para as colunas, respeitando-se a sequência do diálogo. (SPINK, LIMA, 2004, p.107-8).

Os trechos das entrevistas serão transcritos, respeitado a sequência de enunciação em colunas correspondentes às categorias descritivas que emergirão dos objetivos da pesquisa e da leitura da própria entrevista. (Pinheiro, 2004c p.296).

Os nomes das entrevistadas e demais pessoas são de ordem fictícia e foram utilizados nomes de flores por representação simbólica de que são delicadas, porém resistentes às intempéries da vida, com forte capacidade de se renovar e reflorescer. Assim como as mulheres entrevistadas, de certa forma, lutaram, resistiram e sobreviveram diante

das dificuldades. Suas falas foram mantidas tal como foram ditas. Os nomes escolhidos são: Adália, Angélica, Hortência, Rosa e Violeta.

5.5 Aspectos éticos

De acordo com a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (BRASÍLIA, 2012), que regulamenta a pesquisa com Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa em questão se responsabiliza e se compromete em atender todas as exigências éticas que foram estabelecidas pela resolução e a respeitar o sujeito em sua autonomia e dignidade.

A participação dos sujeitos de pesquisa obedeceu a critérios éticos como a voluntariedade e a autonomia do sujeito, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE. O Termo de Consentimento teve duas vias sendo que uma ficou com o sujeito de pesquisa e a outra em posse do pesquisador.

A pesquisa realizada assegurou a confidencialidade das informações obtidas, a preservação da privacidade, proteção da imagem dos sujeitos da pesquisa e não estigmatização dos mesmos, comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos àqueles envolvidos.

6 RESULTADOS - MOSAICO DE NARRATIVAS.

Por que mosaico? O mosaico é produto fruto de recortes variados e que configura uma peça única, no caso da pesquisa é um conjunto de narrativas dos entrevistados, decorrente dos encontros com o pesquisador. Neste sentido, há uma riqueza e peculiaridades de sentidos produzidos nas conversas face a face, caracterizado pela diversidade de concepções das narrativas em torno da temática da violência doméstica.

6.1 Nomeação da violência doméstica

Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009), nomeação é um Substantivo feminino que tem o efeito de nomear ou atribuir algo ou alguém um sentido. “Sentido, uma construção social, um empreendimento coletivo, interativo por meio do qual as pessoas na

dinâmica das relações sociais constroem os termos e dão nome aos termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações da vida” (Spink, 2010).

Uma das nomeações da violência está associada ao que Macedo e Werlang (2007) nomearam como ato-dor, pois se originam da dor psíquica e da extrema passividade que acompanha essas mulheres. É um ato invasivo, psíquico, no qual se destrói a autoestima, valores e desejos. Deixa de ser um sujeito para ser assujeitado ao outro o que lhe causa perturbação, caracterizada como um ato violento dentro do contexto da violência doméstica.

Rosa diz: *“violentada”*. *“Eu num vô dizer assim que a mulher que apanha é covarde. Não, ela num é covarde. Ela é submissa”*.

Essa dor psíquica move a condição de expressão através, unicamente, do ato que impera na história de vida dessas mulheres, conferindo-lhes uma vulnerabilidade e passividade.

A academia e o senso comum se encontram com a narrativa das mulheres que nomeiam a violência como reprodução de comportamento. A violência nomeada como copiar coaduna como o que Lima e Werlang (2011) afirmam que presenciar os desentendimentos dos pais, discussões verbais e violência física ganha destaque com o fato de estas mulheres experimentarem, desde a família de origem, situações de vida marcadas pela intensa desarmonia e pelo desamparo. Perdas e abandonos se mostraram muito comuns na convivência familiar e pode reproduzir tais comportamentos:

Angélica diz: *“A gente copia muito, mesmo sem querer a gente copia”*... As atitudes aprendidas na família de origem encontram um novo cenário para se manifestar quando se estabelece uma relação conjugal, por criarem uma condição de simetria por parte do casal. Assim, para Lima e Werlang (2011) uma história de maus-tratos pode se perpetuar ao longo das gerações.

Quanto à nomeação tristeza, está associada a sintomas psicológicos decorrente de violência doméstica principalmente a depressão, a melancolia, falta de concentração e comportamentos autodestrutivos. Presenciar os desentendimentos, discussões verbais e violência física são traumáticos, pois essas situações são narradas pelas participantes como momentos marcantes de suas vidas. Adália diz: *“Ah fica um clima ruim em casa”*, *Muita tristeza*. *“Gera uma tristeza muito grande”*. *“Ignorância, estupidez”*.

O destaque dado à estética da violência parece remeter a dificuldade de lidar com situações que se prolongam para o contexto público. “Feio” dentro de casa é uma coisa,

“feito” no contexto público é outra coisa. Fica claro que a mulher não tem domínio sobre seu corpo e sua vida, o corpo da mulher é de dominação masculina e que pode ser exposto inclusive num espaço fora de casa. Hortência diz: *“Porque fica uma situação feia”*, *“Acho horrível”*. Discurso de Violeta: *“todo mundo fica chocado”*.

6.2 Descrição da violência

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), A violência contra a mulher é definida como qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico para a mulher, e que muitas vezes não é percebida como violência (MIRANDA, 2010).

A violência doméstica não se limita a violência física, pois são consideradas também violência psicológica, sexual, moral, patrimonial e ainda, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, a negligência.

Violeta diz: *“Eu acho que existem vários tipos, agressão, verbal”*,

“ah, não sei não, agressão física, acho que até com palavra. Eu acho que até palavra é agressão, né? Esse negócio de bater, de espancar, isso aí, acho que num existe não”,

“A sexo também, né?”.

Adália diz: *“Ah, violência doméstica é um tipo de agressão né? num precisa ser só física, ela pode ser psicológica, moral, pode ser também um tipo de agressão sexual né? E que acontece dentro do ambiente do lar, mas não só dentro da casa física, naquelas pessoas que residem naquela casa, mas pode ser na rua também”*.

“nem só uma agressão física, mais uma agressão psicológica, moral também”.

6.2.1 Violência física

Segundo a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), violência física se configura como qualquer conduta que comprometa a integridade física da mulher. Pode ser: tapas; empurrões; socos; mordidas; chutes; queimaduras; cortes; estrangulamento (BRASIL, 2002).

Rosa diz: *“ela pegava faca pra me matar, os vizinhos vinham... eu num podia passar, se eu passasse e triscasse nela e começasse a discussão, ela começava”*.

“Quantas vez ela pegou foi faca e veio em cima de mim”.

Angélica diz: *“Eu já vivi. Com a minha mãe, com meu pai. Eu já passei por isso, pai que quis matar a mãe”*. *“... muitos anos de brigas. Pancadas”*.

Hortência diz: *“Eu mesma já tive violência na minha casa, com meus filhos, com minha família”*. *“ele violentou ela, quebrou o braço dela”*, *“Ele agrediu ela e quebrou o braço dela, quebrou em dois lugares”*. *“porque ele maltratou muito ela”*. *“Só num ficou aleijada porque chamei muito por Deus, porque quase ficou numa cadeira de rodas”*.

A violência física é aquela que acontece quando uma pessoa que está em relação de poder sobre outra, causa ou busca causar dano a esta, por meio do uso da força física ou de algum tipo de arma que pode provocar lesões como podemos ver na narrativa abaixo:

Adália diz: *“Meus pais se agrediam quando eu era criança. Meu pai batia na minha mãe, minha mãe batia no meu pai. Os dois brigavam muito, também se agrediam por palavras”*. *“Ah primeiro vem a agressão. um tapa , um chute, alguma coisa assim”*

Segundo Cardoso (1997 *apud* FONSECA, 2006, p. 14), cenas de violência cotidianas, no qual o casal se agride e estes agredem os filhos, gera um ambiente em que os envolvidos acreditam que se trata de uma condição/situação natural da estrutura familiar e não desordem e desamor.

Sofrer violência na infância torna as pessoas inseguras, com baixa autoestima, com ausência de senso crítico sobre a violência e dificuldades de estabelecer relações positivas. Essas consequências repercutem na escolha que a mulher fará de seu futuro marido, bem como na sua reação frente à violência (MENEZES *apud* FONSECA, 2000, p.128).

Sofrer violência na infância, período em que o indivíduo encontra-se em desenvolvimento, pode gerar instabilidade significativa no comportamento, bem como na formação da identidade, comprometendo a autoestima e o senso crítico quanto às escolhas na vida.

6.2.2 Violência psicológica

De acordo com a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), violência psicológica é caracterizada por comportamento de outro em relação à mulher que lhe cause dano emocional, psicológico que afeta sua autoestima através de situações que a degrade ou controle suas ações, atitudes, decisões, comportamentos com base em ameaças, manipulação, isolamento, exploração e a impeça de ter a liberdade para ir e vir.

A mulher que é dependente economicamente do homem, que a impede de trabalhar, é obrigada a recorrer a ele sempre que precisar de algo. Esta condição intensifica o grau de dominação, tornando intensa a situação de violência (FONSECA, 2006).

Quando há uma dependência financeira da mulher em relação ao homem, seja pelo fato de ter se submetido à proibição de trabalhar imposta por ele, ou mesmo pela dificuldade ou comodidade de não ter um emprego, esta se torna obrigada a recorrer ao marido, sempre que necessitar de dinheiro, situação que favorece a violência, pois, em muitos casos, o homem utiliza seu poder econômico como forma de ameaçá-la e humilhá-la (FONSECA, 2006, p. 10).

A mulher sente-se, em grande parte dos casos, obrigada a estar numa relação de violência porque não tem meios de se sustentar, principalmente quando a família também é composta por filhos e torna-se justificável aceitar a vida desta forma.

Disse Rosa: *“aí eu comecei a ficar muito desanimada, toda mulher traída fica desanimada demais, aí queria trabalhar fora e aí num deixava, ele num deixava, de certa maneira eu era violentada, só ficava dentro de casa, né? Engordando, criando os filho e submissa, né? Eu tinha que ficar submissa a ele, o marido”*. *“eu num aguentei tanta falta de respeito, o marido se torna muito cínico, né? Aí começa até acontecer isso com a gente, bom ele não me batia, mas eu comecei a engordar, eu comecei ficar muito disacusuada¹ [sic] da vida”*. *“só que eu não tinha direito de nada”*.

Segundo Miller (1999), citado por Fonseca (2006), para que seja possível superar essa situação e/ou conviver com essa realidade, a mulher necessita abrir mão dos sentimentos e desejos, o que lhe acarreta prejuízo na autoestima, porque ela passa a se identificar como inútil, incapaz e sem valor o que a torna vulnerável à violência.

Hortência diz: *“bulir nos sentimentos das pessoas é muito difícil, né?”*.

6.2.3 Violência sexual

Segundo a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), violência sexual se caracteriza como qualquer atitude que venha a constranger, de forma que a faça presenciar, manter ou participar de relação sexual contra sua vontade, por meio de intimidação, ameaça, coação ou uso da força.

¹ Desacorçoada – adjetivo – Sem esperança, triste, cansado de tentar.
<http://pt.wiktionary.org/wiki/desacorçoado>

Depoimentos de Rosa: *“de violência numa família, tanto pai bater em filho, filho bater em pai, bater em mãe, matar, o que anda acontecendo por aí, estupro, né? Com pai estuprando filha”*.

A violência sexual na infância e adolescência pode gerar dano à saúde de ordem psicológica como: depressão, síndrome do pânico, dependência de álcool e drogas, tentativas de suicídio e outros (ANDREWS, *et al.*, 2004).

6.2.4 Violência moral

Segundo a Lei Maria da Penha (BRASIL, 2006), violência moral tem como características atitudes que exponha a mulher de forma caluniosa através de difamação e injúria colocando em risco a sua imagem agindo diretamente na sua moral.

A agressão moral é um desrespeito à dignidade da mulher imputando-lhe conduta reprovável socialmente, levando à depreciação e negação da identidade da vítima, (OLIVEIRA, 2008).

Hortência diz: *“Depois de 13 anos ainda pediu DNA de uma filha, sabendo que a filha é dele”*.

Angélica diz: *“Xingar, bater. Por tudo você é xingada. Por tudo você xinga. Tem hora que a gente fala coisas sem necessidades. Falta de diálogo, eu acho. As palavras, às vezes machucam mais do que um tapa (risos)”*.

Adália diz: *“a violência não acontece só dentro da casa ele pode também agredi-la na rua e ela ficava com medo de ser agredida, de ser desmoralizada com as coisas que ele poderia fazer, poderia falar”*.

6.3 Concepções sobre a violência doméstica

Para Papalia (2006), explicar diz respeito à revelação das possíveis causas de um determinado comportamento e posicionamento diante de eventos. Nas narrativas podemos identificar que a violência só é possível de ser explicada a partir do momento que ela é experienciada. A violência adquire significado, na medida em que me volto reflexivamente para ela, destacando-me dela. Desta forma, a vivência da violência subsidia conhecimento para que possa falar da mesma e quando não vivencio aparece o relato. Violeta diz: *“Ah, eu nem entendo direito, porque não tenho violência na família e nem conheço ninguém né?”*.

A violência também está associada ao estresse ocupacional que de acordo com Schmidt (2009), no modo de vida atual tornou-se uma importante fonte de preocupação e é reconhecido como um dos riscos mais sérios ao bem-estar psicossocial do indivíduo. Várias pesquisas descrevem a complexidade do tema e a necessidade de outros estudos sobre a etiologia do problema. O estresse relacionado ao trabalho segundo Rossi (2005) coloca em risco a saúde dos membros da organização e tem como consequências o desempenho ruim, baixo moral, alta rotatividade, absenteísmo e violência no local de trabalho. Conforme relato a seguir:

Violeta diz: *“hoje em dia o pessoal anda muito estressado, ah, não teria como falar nada sobre isso aí. Todo mundo que vai, que vem pra trabalhar é tudo fica, tanto fica nervoso o pessoal que vem atrás como os que tão trabalhando. Às vezes tem um caso pessoal, num tem nada haver, a pessoa vem conversar, já vem com grosseria, acontece muito isso, se você vai procurar um posto de saúde, uma coisa, às vezes chega lá é mal atendido, aí como é que fica? Você já se estressa, a pessoa já se estressa aí já faz violência, não tem como”*.

Temos também a violência que é atribuída ao universo do sobrenatural e só pode ser explicada dentro desse contexto. De acordo com Alves e Minayo (1994) na visão pentecostal, o adepto da doutrina, tem como postura ritualística se envolver significativamente em uma batalha contra o mal representado por: Satanás, Capeta, Inimigo e Demônio, os quais têm a mesma representação. Rosa diz: *“mas o capeta não satisfeito, enfiou no meio e meu marido começou a, vamos supor, a me trair. O inimigo agindo dentro da família, agindo na vida dele, agindo na minha vida. Aí o inimigo ainda não satisfeito ainda começou a ficar agindo dentro de casa usando as filhas contra mim. Onde já se viu filho matar a família inteira, matar pai, mãe, irmã. É o demônio minha irmã, é o capeta, porque se fosse hoje como eu conheço Deus e tenho intimidade com o Senhor - eu ó para lá ó, em nome de Jesus cai por terra agora capeta, satanás, cai por terra agora e com certeza ele ia cair e hoje eu tô me esforçando”*.

De acordo com Geertz (1978) a religião tem como base um sistema de símbolos que lidam com elementos considerados sagrados, que são compreendidos como reais e estas características são pontos marcantes de cada religião.

Define a religião como: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4)

vestindo essas concepções com tal aura de f atualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1978, p. 67).

Os símbolos representam as religiões e são o diferencial entre elas. Para o “fiel”, dispor de tais elementos é uma forma de intensificar a sua atuação e fé, gerando assim um mecanismo que propicia um retorno positivo dentro do olhar do religioso. Rosa diz: *“Aí quando eu desci do ônibus eu tirei a bíblia da bolsa, porque a arma do crente, gente, é a bíblia!”*.

Para Santos e Cardoso (2011), inquestionável meio de fazer circular repertórios, a mídia tem o poder de criar espaços de interação, propiciando novas configurações aos esforços de produção de sentido. O poder da mídia na figura dos profissionais de comunicação, hoje, alargou-se muito, passando a ser vista como constituidora de sentidos (LOPES, 2006a), ocupando um lugar de referência que traz para si a condição de compor sujeitos, produzir discursos e dar visibilidade a qualquer conteúdo.

Angélica diz: *“Acho que poderia num passar inteiro, muita coisa que acontece, é..., é tipo copiado do que vê na televisão”. Porque às vezes passa um crime lááááá longe, aí quando passa pouco tempo, aí quando passa na televisão, aí passa pouco tempo aparece outro caso aqui. Eu acho que a tv faz isso. Eu tenho duas filhas e aí quando o Chaves apanha do seu Madruga, elas fazem. Tem muita coisa que acontece a gente vê na televisão, acontece, vê no cinema, na novela (risos), sei que a gente vê muito. Tem a novelinha Carrossel todo mundo aprontando”*.

Mesmo diante de inúmeros casos em que mulheres se submetem a uma relação em que vivem constante situação de humilhações, desrespeito e agressões, há também aqueles em que as mulheres não aceitam a condição de submissão ao homem. De acordo com Silva (1992), citado por Fonseca (2006), a ideologia coloca o homem como um ser superior à mulher e essa condição é reafirmada cotidianamente.

Nas demandas de mulheres que sofrem violência doméstica, não é incomum ter mulheres que são mais questionadoras diante de uma possível ameaça da condição de violência, assim quando a mulher não aceita essa situação o parceiro utiliza meios dentro de uma violência simbólica caracterizada por violência moral e/ou psicológica para que sejam feitas suas vontades.

Hortência diz: *“Não ele não teve porquê, ele saia pra rua, pegava outras mulheres e ela não aceitava, não aceitava ser traída e eu dou todo apoio à ela por causa disso”*.

Em decorrência da relação de hierarquia entre o homem e a mulher, estabelecida e internalizada pela sociedade como um todo, determinam papéis de acordo com o sexo levando assim, a diferenças nas atribuições, reforçando que a mulher é inferior ao homem o que a coloca em condição de vítima de violência doméstica.

Segundo Azevedo (1995), citado por Fonseca (2006, p.5) “as situações de violência contra a mulher resultam, principalmente, da relação hierárquica estabelecida entre os sexos, sacramentada ao longo da história pela diferença de papéis instituídos socialmente a homens e mulheres, fruto da educação diferenciada. Assim, o processo de “fabricação de machos e fêmeas”, desenvolve-se por meio da escola, família, igreja, amigos, vizinhança e veículos de comunicação em massa. Sendo assim, aos homens, de maneira geral, são atribuídas qualidades referentes ao espaço público, domínio e agressividade. Já às mulheres foi dada a insígnia de “sexo frágil”, pelo fato de serem mais expressivas (afetivas, sensíveis), traços que se contrapõem aos masculinos e, por isso mesmo, não são tão valorizados na sociedade”.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho (BOURDIEU, 2002, p.10).

Adália diz: *“Eh uma pessoa se achar superior à outra, no caso de machismo... tudo isso pode gerar violência. A sociedade também é muito machista. Muitas pessoas falam que o homem tem direito, não de bater, agredir muito, mais um tapa, que ele é superior à mulher, que ele pode mandar em casa e tudo isso gera uma forma de agressão às famílias. As crianças já crescem que o homem pode mandar, na mulher, na casa, que ele é superior e isso já gera, já gera rapazes que se acham melhores, já geram moças que se submetem a isso”*.

6.4 Posicionamento diante da violência

Nos depoimentos aparecem a importância da justiça principalmente a denúncia, o que coaduna com a literatura. Entretanto, as mulheres que sofrem violência demoram a fazer denúncia ou desistem dela.

Estudos apontam que no Brasil, as mulheres se recusam em fazer uso de recursos legais de denúncia contra seus agressores (JONG, 2008). Callou (2012) relata que o caminho percorrido desde o episódio da violência até a procura pela instituição é longo e influenciado por vários fatores que podem começar com uma indefinição até se concretizar a denúncia de fato.

A violência pode gerar tolerância em repetidas cenas de agressão e isso deve-se à memória curta em relação ao sofrimento vivenciado.

“Entendem que é pela ausência da memória do que foi traumático que surge a sensação de novidade que acompanha a repetição e não permite a elaboração psíquica. A dor é resultante do circuito que evacua, mas não elabora o excesso, pois reagir à dor é diferente de expressá-la por meio de palavras que lhe confirmam um sentido”. (MACEDO E WERLANG apud LIMA E WERLANG, 2011, p. 512).

A necessidade de se unir ao outro e a busca pela construção de laços que durem ao longo da vida são características fortes do ser humano. Assim, surpreende e causa espanto quando numa relação íntima, que teve como intuito manifestar amor e afeto, surgem atos de violência, gerando a “ausência da memória” citada pelos autores.

Violeta diz: *“Não sei...”*.

No imaginário social, delegacia representa exposição não só do agressor, mas também quem sofreu a agressão o que dificulta uma tomada de posicionamento diante da violência. Callou (2012), um dos obstáculos para as mulheres iniciarem a rota na busca por assistência especializada é a vergonha em expor publicamente as vivências de violência, bem como, o medo do serviço relacionado ao setor jurídico policial. Violeta diz: *“Muitas vezes elas não querem ir numa delegacia, achando delegacia já tem o nome: delegacia”*.

Outro posicionamento que chama atenção é o direcionamento para a assistência a saúde. Violeta diz: *“Eu acho que tem que ir, no posto tinha que ter um, um posto ali só*

pras mulheres, né? Nem só pra mulheres, pra pessoa vim se orientar, saber o que tá acontecendo, pra pessoa poder procurar ajuda”.

Adália diz: *“Ajudar também, ela quando sofre violência a sair daquela situação”.*

A busca por um atendimento especializado, direcionado especificamente ao sofrimento e comportamento. Violeta diz: *“Ah eu acho que é psicóloga, colocar a pessoa nos psicólogo. Ah, tem muita coisa...”, “As pessoas tem que pensar em não ter violência, mas se tiver violência tem que, né? Pessoa procurar não se agredir”.*

Não é somente a justiça que aparece. Também a assistência, que vem para dar suporte aos sentimentos e o psicológico. Segundo Jong (2008), dentre os danos causados à mulher vítima de violência doméstica, está a redução, a condição de vítima indefesa, que deve ser amparada, pois é considerada incapaz. Sendo fundamental que ao recorrer aos serviços de saúde, as mulheres, encontrem profissionais que possam estabelecer com elas um atendimento capaz de oferecer-lhes orientação através de apoio e esclarecimentos, acerca da importância de cuidar de suas vidas.

[...] Ao definir-se para essa mulher, logo na entrada dos serviços de saúde, a sua posição central em todo o processo, abre-se para ela a possibilidade de inteirar-se da sua condição de cidadania. Nos encaminhamentos para outros setores que participam dessa assistência: o jurídico e a assistência social, provavelmente ela estará mais conscientizada da sua posição de igualdade e detentora de direitos, pois assim ela já foi inserida nos primeiros atendimentos. Será de fundamental importância que também os profissionais desses setores dêem continuidade ao trabalho educativo de estimular a mulher a exercer a sua autonomia (JONG, 2008, p. 745).

Considerar cidadania é dar um passo à frente no que diz respeito à autoestima, autonomia e perspectiva para as mulheres vítimas de seus parceiros e os profissionais que lidam com essa temática têm um papel fundamental no que diz respeito orientação das mulheres quanto ao acesso ao serviço como um todo e aos direitos como cidadã.

Outro aspecto que chama atenção é quanto ao posicionamento e ao processo de ruptura com a situação de violência, muitas vezes com a denúncia, mas no geral é assumindo o lugar de chefe, provedora, lugar de domínio masculino.

Após a concretização da saída do agressor no cenário doméstico, a mulher assume posicionamento socialmente atribuído ao domínio masculino de chefe, de provedor.

Conforme afirma Adália: *“você deve seguir em frente, tem que erguer a cabeça, ver onde você pode conseguir ajuda se for necessário e ir”*.

Rosa diz: *“depois a gente se separou e aí eu fui lutar pra criar os filhos, aí fui trabalhar de doméstica, de diarista”*.

Hortência diz: *“Arregaçar as mangas. Aí arregaçar as manga, agora criar essa filha que ela precisa de ajuda, né? Eu ajudo a criar a filha, porque um filho sem pai num é brincadeira, tem que ter peito pra criar, porque eu criei seis sem pai”*.

7 DISCUSSÃO

Os repertórios das entrevistadas trazem à tona o sentido da violência doméstica para Spink (2010), a partir de uma construção social, formada por meio das relações do indivíduo no decorrer do seu desenvolvimento. Trazem a lógica do ato-dor como cita Macedo e Werland (2007) que tem origem na dor psíquica e da acentuada passividade que acompanham essas mulheres. A reprodução de comportamento diante da violência é algo muito presente, assim como, a tristeza associada a sintomas psicológicos. Ao descrever a violência vivenciada, pontuaram que a mesma, vai além da violência física, que os outros tipos como: violência psicológica, violência moral, violência sexual e violência patrimonial também são nocivas. As narrativas sobre as concepções da violência foram atribuídas ao campo religioso, no qual o mal vivido pelo indivíduo é decorrente de um ser causador e a religião é o meio utilizado para solucionar e finalizar as situações de sofrimento, o religioso tem como conduta se envolver numa batalha contra o mal, Alves e Minayo (1994). A mídia também apareceu nos repertórios como fator de explicação para a violência ser reproduzida. É incomum o número de mulheres que se recusam a aceitar a condição de submissão mediante a situação de violência, mas existem casos de vítimas que dizem não para seus parceiros e que em contrapartida reagem de forma agressiva por terem sido afrontados. Aspectos das narrativas emergem com a denúncia, passo crucial para a quebra da situação de violência, contudo, é algo em que as mulheres normalmente se recusam em fazer, mesmo tendo acesso aos recursos legais de denúncia (JONG, 2008). Isso porque nas narrativas a representação da delegacia é fortemente vinculada ao fator de exposição dos problemas e conflitos familiares. Outro aspecto dos repertórios a ser ressaltado é a assistência à saúde para dar suporte aos sentimentos e o psicológico. A mulher vítima de violência encontra-se vulnerável e considerada incapaz, sendo necessário que receba assistência no campo da saúde, segundo Jong (2008), para assumir as rédeas da sua vida e da família com uma postura ativa e porque não dizer como provedora e mantenedora do lar.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da violência a partir de múltiplos olhares permitiu a compreensão de como se expressa esse fenômeno no cotidiano das mulheres de Ceilândia. Identifica-se o quanto a violência, ainda, é presente no dia a dia das entrevistadas. A quebra do ciclo da violência pressupõe superar o silêncio, o medo, angústia, indefinição, submissão e isolamento. Falar sobre a violência, leva à exposição da mulher e sua família. E só foi possível esse contato porque encontramos pessoas que tinham a necessidade de falar, desabafar, compartilhar a sua dor.

Causa tristeza a realidade da violência doméstica dessas mulheres, por outro lado, se tem o sentimento de ter alcançado o objetivo da pesquisa e enfatizamos que é necessário um investimento intenso acerca do fenômeno da violência e articulação com a rede de saúde, justiça e comunitárias para promover compartilhamento de conhecimento e cuidado.

Enfim, a necessidade de novas pesquisas, continua sendo importante, pois o assunto não se esgota. Estudos que enfoquem a articulação justiça, saúde e rede comunitária para alcançar as mulheres. Produzir saberes e novos fazeres diante da situação de violência é uma ferramenta importante para lidar com uma sociedade machista. É reconfortante saber que atualmente, a mulher pode contar com uma rede de apoio, ainda que de forma incipiente, que possa promover através do sistema de saúde e da justiça, meios de interromper o ciclo de vulnerabilidade. A sociedade como um todo reconhece que se trata de uma situação que transpõem as quatro paredes da intimidade, já não é mais algo do âmbito familiar, mas, uma questão de saúde pública.

REFERÊNCIAS

1. ADEODATO, V. G.; CARVALHO, R. R. *et al.* Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. **Revista Saúde Pública**, 2005; 39(1):108-13.
2. ALVES, PC, MINAYO, MCS. **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. 174 p.
3. ANDREWS, G.; *et al.* (2004). **Child sexual abuse**. In: Ezzati M et al., eds. Comparative quantification of health risks: global and regional burden of disease attributable to selected major risk factors. Volume 2. Geneva, World Health Organization.
4. AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres espancadas: a violência denunciada**. São Paulo: Cortez, 1985.
5. BALLONE GJ, *et al* - **Violência Doméstica: O sofrimento que atinge muitíssimas pessoas, independente do nível intelectual, social e econômico** - in. PsiquWeb, Internet, Revisto em 2008 disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=89>>. Acesso em: 15 abr. 2014
6. BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena kuhner, 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160 p.
7. BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de políticas de saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Cadernos de Atenção Básica nº 8 – Série A. Normas e Manuais Técnicos; nº 131, Brasília-DF, 2002.
8. Brasil. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde. Normas de pesquisa envolvendo seres humanos**. Res. CNS 196/96. Bioética 1996;
9. BRASIL, **Lei Maria Da Penha**. Lei N.º 11.340, de 7 de Agosto de 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acesso em: 14 jun. 2013.
10. CALLOU, JLL. **Rotas Percorridas Por Mulheres Em Situação De Violência Nos Serviços Do Município De Juazeiro/Ba**. Salvador, 2012. 184 f.: il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2012.
11. CODEPLAN – **Companhia de Planejamento do Distrito Federal**, Brasília. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/component/content/article/261-pesquisas-socioeconomicas/294-pdad-2013.html>>. Acesso em: 26 fev. 2014.

12. CONJUR, Consultor Jurídico. **CNJ avalia decisão que tachou lei Maria da Penha de mostrengo.** Brasil. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2007-out-23/cnj_avalia_decisao_tachou_lei_monstrengo_tinhoso>. Acesso em: 10 de mar. 2014
13. CONVENÇÃO DE BELÉM DO PARÁ. **10 anos da adoção da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher: convenção de Belém do Pará.** AGENDE - Brasília-DF: 2004.
14. DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil.** 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2000. 678 p.
15. DISTRITO FEDERAL. **Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal (SES-DF).** Brasília, 2012 Disponível em: <<http://www.saude.df.gov.br/sobre-a-secretaria/hospitais-e-regionais/266-regional-de-saude-de-ceilandia.html>>. Acesso em 15 de abr. 2013
16. Distrito Federal - **Secretaria de Estado da Mulher e do Distrito Federal.** Brasília, 2014. Disponível em: <<http://www.mulher.df.gov.br/noticias/item/2413-secretaria-confirma-para-este-mês-inauguração-do-cram-deplanaltina.html>>. Acesso em: 20 de jan. 2014.
17. FONSECA, P M; LUCAS T N S. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas.** 2006. 21 p. Trabalho de Conclusão de Curso – (Graduação em Psicologia) – Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador-BA.
18. FONSECA, D. H. *et al.* **Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais.** Psicol. Soc. vol.24 nº 2 Belo Horizonte May/Aug. 2012
19. GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, 1926. 1.ed., IS.reimpr. - :LTC, 1978.323p.
20. **HOUAISS.** Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
21. IZUMINO, W P. **Justiça e violência contra a mulher: o papel do sistema judiciário na solução dos conflitos de gênero.** São Paulo: Ed. FAPESP, 2004. p. 277
22. JONG, L.C.; *et al.* Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista Esc. Enfermagem-USP/** São Paulo-SP, 2008; 42(4): 744-51.
23. LEAL, J. C. **A maldição da Mulher: de Eva aos dias de hoje.** 1. Ed. São Paulo: Editora DPL, 2004. 184 p.

24. LIMA, GQ; WERLANG, BSG. Mulheres que sofrem Violência Doméstica: Contribuições da Psicanálise. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.16, nº4, out./dez. 2011.
25. LIMA, MA, *et al.* A utilização da observação participante e da entrevista semi estruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha Enferm.**, v.20, n. Esp., Porto Alegre, 1999. p. 130-142.
26. LOPES, P.F. **Midiologia**. In: Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Portal da Alcar – Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 4., 2006, São Luís. Anais... São Luís: Alcar, 2006a.p.1-14. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/boletim/a05n142/destaque02.shtml>>. Acesso em: 17 maio 2014.
27. MACEDO, MMK., Werlang, BSG. **Tentativa de suicídio: o traumático via ato-dor**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, abr./jun. 2007, Vol. 23, nº 2, pp. 185-194.
28. MINAYO, M. C. De S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed .São Paulo: Hucitec, 1996. 269p.
29. MIRANDA, M P M, *et al.* Violência conjugal física contra a mulher na vida: prevalência e impacto imediato na saúde, trabalho e família. **Revista Panam Salud Publica** 27(4), 2010.
30. MONTEIRO, CFS., SOUZA, IEO. **Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano**. Texto contexto - enferm. [online]. 2007, vol. 16, n.1 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072007000100003&lng=en&nrm=iso>.. Acesso em: 21 mar. 2013.
31. MOTA, J. C. **Violência Contra a Mulher Praticada pelo Parceiro Íntimo: Estudo em um Serviço de Atenção Especializado**. 2004. 101 p. Dissertação (Mestrado em Epidemiologia na área de Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro.
32. MPDFT. **Ministério Público do Distrito Federal e Territórios online**, Brasília, 27 agos. 2009. Disponível em: <<http://www.mpdft.mp.br/portal/index.php/comunicacao-menu/noticias/notcias-2009-mainmenu-372/1771-mutirao-agilizara-processos-de-violencia-domestica-em-ceilandia>>. Acesso em: 19 mai. 2013.
33. OLIVEIRA, LRC. Existe violência sem agressão moral? - **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - Vol. 23 nº. 67 junho/2008.
34. PAPALIA. D. E. **Psicologia do desenvolvimento humano**. Editora Artemed. 8ª ed. Rio Grande do Sul. 2006.

35. PINHEIRO, O. G. **Entrevista: uma prática discursiva**. In: SPINK, M. J.; (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximação teórica e metodológica*. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004c. 296 p.
36. RIBEIRO, CG; COUTINHO. Representações Sociais de Mulheres Vítimas de Violência Doméstica na Cidade de João Pessoa-PB. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 3, n. 1, jan. - jun. 2011, pp. 52-59.
37. ROSA, A.R.; TURETA, C.; *et al.* Práticas Discursivas e Produção de Sentidos nos Estudos Organizacionais: A Contribuição do Construcionismo Social. **Revista Contemporânea de Economia e Gestão**. Vol. 4-Nº 1 –jan/jun/2006 (41-52).
38. Rossi AM. **Estressores ocupacionais e diferenças de gênero**. In: Rossi AM, Perrewé PL, Sauter SL. *Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional*. São Paulo (SP): Atlas; 2005. p. 9-18.
39. SANTOS, J.E.; CARDOSO, C.M.S. **Narratives and experiences about madness: a reflection by communication professionals**. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.15, n.38, p.727-39, jul./set. 2011.
40. São Paulo (Cidade). Secretaria da Saúde. **Mulheres em situação de violência doméstica e sexual: orientações gerais**. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde - CODEPPS. São Paulo: SMS, 2007.
41. SCHMIDT, DRC, *et al* . Estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. **Texto contexto enfermagem**, Florianópolis, v. 18, n. 2, June 2009.
42. SCHRAIBER, L B; *et al.* Violência contra a mulher: estudo em uma unidade de atenção primária à saúde. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, 2002; 36 (4):470-7
43. Secretaria da Mulher. Conselho dos Direitos da Mulher. **Lei Maria da Penha Pelo fim da Violência Contra a mulher**. Brasília, DF, 2012.
44. SOIHET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.
45. SPINK, M.J.P., MENEGON, V.M. **A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos**; In: Spink, M.J.P. (org.) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*, 2ªed. São Paulo, Cortez, 2000.
46. SPINK, M. J.; LIMA, H. **Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação**. In: SPINK, M. J. (Org.). *Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004a.

47. SPINK, M. J.; FREZZA, R. M. **Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social.** In: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção dos sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004b.
48. SPINK, MJ; (Org.). Entrevista: uma prática discursiva. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximação teóricas e metodológicas.** 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004c.
49. SPINK, MJ. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano.** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<http://www.bvce.org/DownloadArquivo.asp?Arquivo=SPINK_Linguagem_e_producao_de_sentidos.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2014.
50. TELES, MAA., MELO, M. **O que é violência contra a mulher.** São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 33.
51. TRAVERSO-YÉPEZ, M. A Interface Psicologia Social e Saúde: Perspectivas e Desafios. **Psicologia em Estudo**, Maringá, Vol. 6, nº 2, p. 49-56, jul./dez. 2001.
52. YALOM, Marilyn. **A história da esposa: da Virgem Maria a Madonna: O papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Ediouro, 2002. 488 p.

APÊNDICE

Perguntas Norteadoras:

Como a mulher compreende o significado da violência doméstica?

Como é descrita e posicionada pelas mulheres a violência doméstica?

Qual a explicação e nomeação da violência doméstica para a mulher?

ANEXOS

Anexo A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) Senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto:

NARATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE MULHERES DE CEILÂNDIA – DISTRITO FEDERAL.

O objetivo desta pesquisa é: Investigar como as mulheres de Ceilândia percebem a violência doméstica.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identifica-lo(a).

A sua participação será através de entrevista gravada que o(a) senhor(a) deverá responder no domicílio com um tempo estimado para sua realização: 50 minutos. Não existe obrigatoriedade, um tempo pré-determinado, para responder o questionário (ou entrevista). Será respeitado o tempo de cada um para responde-lo. Informamos que o(a) Senhor(a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimentos, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Se o(a) senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Dr(a)_JosenaideEngracia dos Santos, na Universidade de Brasília, telefone _61-91640758, no horário: 8 AS 17 Hs.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da SES/DF. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3325-4955.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável
Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo B – Parecer do CEP



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE
 Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PARECER Nº 044/2012

PROTOCOLO Nº DO PROJETO: 551/2011 – NARRATIVAS SOBRE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA DE MULHERES DE CEILÂNDIA – DISTRITO FEDERAL.

Instituição Pesquisada: Secretaria de Saúde do Distrito Federal/SES-DF.

Área Temática Especial: Grupo III (não pertencente à área temática especial), Ciências da Saúde.


Validade do Parecer: 16/02/2014

Tendo como base a Resolução 196/96 CNS/MS, que dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras em pesquisa envolvendo seres humanos, assim como as suas resoluções complementares, o Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal, após apreciação ética, manifesta-se pela **APROVAÇÃO DO PROJETO**.

Esclarecemos que o pesquisador deverá observar as responsabilidades que lhe são atribuídas na Resolução 196/96 CNS/MS, inciso IX.1 e IX.2, em relação ao desenvolvimento do projeto. Ressaltamos a necessidade de encaminhar o relatório parcial e final, além de notificações de eventos adversos quando pertinentes no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item II.13 da Resolução 196/96 CNS/MS).

Brasília, 16 de fevereiro de 2012.

Atenciosamente,


Maria Rita Carvalho Garbi Novaes
Comitê de Ética em Pesquisa/FEPECS
Coordenadora

AL/CEP/FEPECS

Anexo C - Mapas de Associação de Ideias

Mapa de Associação de Ideias (VIOLETA)

Objetivo Geral: Compreender o significado da violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Objetivos Específicos: Descrever posicionamento das mulheres sobre a violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Explicar como as mulheres nomeiam a violência doméstica.

Perguntas Norteadoras:

Nome	Explicação	Posicionamento	Nomeiam	Descrevem
V	Ah, eu nem entendo direito, porque não tenho violência na família e nem conheço ninguém né.	Num sei, porque muitas vezes a pessoa gosta da pessoa e num quer denunciar porque tá batendo, espancando, né?	Ah, eu acho que né só em mim não, acho que todo mundo se defende da violência, todo mundo fica chocado.	Eu acho que existem vários tipos, agressão, verbal...
I				Ah, não sei não, agressão física, acho que até com palavra. Eu acho que até palavra é agressão, né!
O	Hoje em dia o pessoal anda muito estressado.	Eu acho que a pessoa tem que procurar ajuda, no meu modo tem que procurar ajuda de qualquer maneira tem que procurar ajuda.		Esse negócio de bater, de espancar, isso aí acho que num existe não.
L				A sexo também, né?
E	Ah, não teria como falar nada sobre isso aí. Todo mundo que vai, que vem pra trabalhar é tudo fica, tanto fica nervoso o pessoal que vem atrás como os que tão trabalhando. Às vezes tem um caso pessoal, num tem nada à ver, a pessoa vem conversar, já vem cum grosseria, acontece muito isso, se você vai procurar um posto	Acho que agressão à pessoa tem que denunciar, correr atrás, procurar ajuda.		
T		Ah eu acho que é psicóloga, colocar a pessoa nos psicólogo.		
A		Ah tem muita coisa, as pessoas		

	<p>de saúde, uma coisa, às vezes chega lá é mal atendido, aí como é que fica? Você já se estressa, a pessoa já se estressa aí já faz violência, não tem como.</p>	<p>tem que pensar em não ter violência, mas se tiver violência tem que, né, pessoa procurar não se agredir,</p> <p>Eu acho que tem que, no posto tinha que ter um, um posto ali só pras mulheres, né nem só pra mulheres, pra pessoa vim se orientar, saber o que acontecendo, pra pessoa poder procurar ajuda.</p> <p>Muitas vezes elas não querem ir numa delegacia, achano delegacia já tem o nome: delegacia.</p>		
--	---	---	--	--

Mapa de Associação de Ideias (ROSA)

Objetivo Geral: Compreender o significado da violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Objetivos Específicos: Descrever posicionamento das mulheres sobre a violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Explicar como as mulheres nomeiam a violência doméstica.

Perguntas Norteadoras:

Nome	Explicação	Posicionamento	Nomeiam	Descrevem
R	Mas o capeta não satisfeito enfiou no meio e meu marido começou a, vamos supor, a me trair.	Aí queria trabalhar fora e aí num deixava.	De certa maneira eu era violentada.	De violência numa família, tanto pai bater em filho, filho bater em pai, bater em mãe, matar, o que anda acontecendo por aí, estupro, né, com pai estuprando filha.
O		De uma certa maneira eu era violentada, só ficava dentro de casa, né, engordando, criando os filho e submissa, né, eu tinha que ficar submissa à ele, o marido.	Violência pro meu lado é... coisa ruim eu num tenho medo.	
S	O inimigo agindo dentro da família, agindo na vida dele, agindo na minha vida.		Eu num vô dizer assim, que a mulher que apanha é covarde. Não ela num é covarde. Ela é submissa.	Eu num aguentei tanta falta de respeito, o marido se torna muito cínico, né, aí começa até acontecer isso com a gente, bom ele não me batia, mas eu comecei a engordar, eu comecei ficar muito
A	Aí as filha cresceu revoltada.			disacusuada [sic] da vida.
	Aí o inimigo ainda não satisfeito ainda começou a ficar agindo dentro de casa, usando as filhas contra mim.	Depois a gente se separou e aí eu fui lutar pra criar os filhos, aí fui trabalhar de doméstica, de diarista.		Aí eu comecei a ficar muito desanimada, toda mulher traída fica desanimada demais, aí queria
	Senhor, o Gerânio foi um anjo que o senhor colocou na vida da minha filha, porque ele num é um marido, ele é um pai, então aí dessa, eu descansi. Dessa o marido foi tomar	E eu trabalhava, e eu pelejava, naquela dificuldade toda.		

<p>de conta e ele é que vive sendo massacrado até hoje.</p> <p>Vendo meu pai tão perturbado do jeito que ele era, matava, estuprava, batia na minha mãe, eu entrava no meio, ele batia em mim também, naquele tempo eu sofria violência, dessa maneira.</p> <p>Porque se fosse hoje como eu conheço Deus e tenho intimidade com o Senhor - eu ó para lá ó, em nome de Jesus cai por terra agora capeta, satanás, cai por terra agora e com certeza ele ia cair e hoje eu tô me esforçando.</p> <p>Onde já se viu, filho matar a família inteira, matar pai, mãe, irmã. É o demônio minha irmã, é o capeta.</p> <p>Que eu fui pra igreja, aceitei Jesus.</p> <p>Aí quando eu desci do ônibus eu tirei a bíblia da bolsa, porque a arma do crente, gente, é a bíblia.</p>			<p>trabalhar fora e aí num deixava, ele num deixava, de certa maneira eu era violentada, só ficava dentro de casa, né, engordando, criando os filho e submissa, né, eu tinha que ficar submissa à ele, o marido.</p> <p>Só que eu não tinha direito de nada.</p> <p>Ela pegava faca pra me matar, os vizinhos vinham... Eu num podia passar, se eu passasse e triscasse nela e começasse a discussão, ela começava.</p> <p>Quantas vezes ela pegou foi faca e veio em cima de mim.</p> <p>Aí começa a revoltar comigo. E o sofrimento foi tão grande que eu tive que alugar uma quitinete e mudar, sair da minha casa.</p> <p>A polícia atira no bandido pega na minha cabeça, o tiro na cabeça.</p>
---	--	--	--

Mapa de Associação de Ideias (ANGÉLICA)

Objetivo Geral: Compreender o significado da violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Objetivos Específicos: Descrever posicionamento das mulheres sobre a violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Explicar como as mulheres nomeiam a violência doméstica.

Perguntas Norteadoras:

Nome	Explicação	Posicionamento	Nomeiam	Descrevem
A	Sei não (risos).	Tremo (risos).	Ignorância, estupidez.	Xingar, bater.
N	Ignorância, estupidez.	Medo, pânico. Eu choro (risos).	A gente copia muito, mesmo sem querer a gente copia.	Por tudo você é xingada. Por tudo você xinga.
G	Acho que poderia num passar inteiro, muita coisa que acontece, é..., é tipo copiado do que vê na televisão.	Assim, que na hora que a gente vê isso não tem reação de ajudar, é correr ou chorar (risos) e ficar com medo, só.		Tem hora que a gente fala coisas sem necessidades.
É				Falta de diálogo, eu acho. As palavras, às vezes machucam mais do que um tapa (risos).
L				Muitos anos de brigas. Pancadas.
I				Eu já vivi. Com a minha mãe, com meu pai. Eu já passei por isso, pai que quis matar a mãe.
C	Porque às vezes passa um crime lááááá longe, aí quando passa pouco tempo, aí quando passa na televisão, aí passa pouco tempo aparece outro caso aqui. Eu acho que a tv faz isso.	Na hora que a gente tá nervosa a gente fala o que num deve e depois que você falou é que você vai parar pra pensar (risos), na maioria das vezes é por impulso.		
A	Eu tenho duas filhas e aí quando o Chaves apanha do seu Madruga, elas fazem.			
	Tem muita coisa			

	<p>que acontece a gente vê na televisão, acontece, vê no cinema, na novela (risos), sei que a gente vê muito. Tem a novelinha Carrossel todo mundo aprontando. Tem muito bulling também nas novelas.</p> <p>Eu acho que na maioria das vezes é a intolerância, né?</p> <p>Na hora que a gente tá nervosa a gente fala o que num deve e depois que você falou é que você vai parar pra pensar (risos), na maioria das vezes é por impulso.</p>			
--	---	--	--	--

Mapa de Associação de Ideias (HORTÊNCIA)

Objetivo Geral: Compreender o significado da violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Objetivos Específicos: Descrever posicionamento das mulheres sobre a violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Explicar como as mulheres nomeiam a violência doméstica.

Perguntas Norteadoras:

Nome	Explicação	Posicionamento	Nomeiam	Descrevem
H O R T Ê N C I A	<p>Não ele não teve porquê, ele saia pra rua, pegava outras mulheres e ela não aceitava, não aceitava ser traída e eu dou todo apoio à ela por causa disso.</p> <p>Muita coisa.</p>	<p>Não concordo.</p> <p>Aí arregaçar as manga, agora criar essa filha que ela precisa de ajuda, né? Eu ajudo a criar a filha, porque um filho sem pai num é brincadeira, tem que ter peito pra criar, porque eu criei seis sem pai.</p> <p>Aí o jeito foi vim buscar ela né? Causou muitas coisas nela que ela num tinha.</p>	<p>Porque fica uma situação feia.</p> <p>Acho horrível.</p>	<p>Eu mermo já tive violência na minha casa, com meus filhos, com minha família.</p> <p>Violentou ela, quebrou o braço dela.</p> <p>Ele agrediu ela e quebrou o braço dela, quebrou em dois lugar.</p> <p>Porque ele maltratou muito ela.</p> <p>Depois de 13 anos ainda pediu DNA de uma filha, sabendo que a filha é dele.</p> <p>Vai pagar agora indenização pra ela e todo dia tava na delegacia, todo dia tava no Fórum, é uma coisa que não</p>

				<p>aceito, sabe, nem pra ele, nem pra ela, não aceito.</p> <p>Bulir nos sentimentos das pessoas é muito difícil, né?</p> <p>Só num ficou aleijada porque chamei muito por Deus, porque quase ficou numa cadeira de roda.</p>
--	--	--	--	--

Mapa de Associação de Ideias (ADÁLIA)

Objetivo Geral: Compreender o significado da violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Objetivos Específicos: Descrever posicionamento das mulheres sobre a violência doméstica pelas mulheres de Ceilândia.

Explicar como as mulheres nomeiam a violência doméstica.

Perguntas Norteadoras:

Nome	Explicação	Posicionamento	Nomeiam	Descrevem
A	Ah eu acho que desentendimento das duas pessoas.	Conscientizar. Conscientizar a mulher que ela não pode se sujeitar a nenhum tipo de violência, também conscientizar desde as crianças que isso é errado.	Ah fica um clima ruim em casa, Muita tristeza Gera uma tristeza muito grande.	Ah, violência doméstica é um tipo de agressão né, num precisa ser só física, ela pode ser psicológica, moral, pode ser também um tipo de agressão sexual né, e que acontecer dentro do ambiente do lar, mas não só dentro da casa física, naquelas pessoas que residem naquela casa, mas pode ser na rua também.
D	Eh uma pessoa se achar superior à outra, no caso de machismo... Tudo isso pode gerar violência.	Ajudar também, ela quando sofre violência a sair daquela situação, a poder se separar daquela pessoa.		Meus pais se agrediam quando eu era criança. Meu pai batia na minha mãe, minha mãe batia no meu pai. Os dois brigavam muito também, se agrediam por
Á		Você deve seguir em frente, tem que erguer a cabeça, ver onde você pode conseguir ajuda se for necessário e ir.		
L		Tanto que eu até discuto com meu companheiro na frente do meu		
I	A sociedade também é muito machista. Muitas pessoas falam que o homem tem direito, não de bater, agredir muito, mais um tapa, que ele é superior à mulher, que ele pode mandar em casa e tudo isso gera uma forma de agressão às famílias.			
A	As crianças já crescem que o homem pode mandar, na mulher, na casa,			

	<p>que ele é superior e isso já gera, já gera rapazes que se acham melhores, já geram moças que se submetem a isso.</p> <p>É exatamente isso. É uma submissão, porque ela não precisa de nada, mas é uma forma de dependência psicológica mesmo.</p>	<p>filho, mas eu evito brigar, quero que ele tenha muito respeito comigo e com o pai também.</p>		<p>palavras.</p> <p>Ah primeiro vem a agressão, um tapa, um chute, alguma coisa assim.</p> <p>A violência não acontece só dentro da casa ele pode também agredi-la na rua e ela ficava com medo de ser agredida, de ser desmoralizada com as coisas que ele poderia fazer, poderia falar.</p> <p>Nem só uma agressão física, mais uma agressão psicológica, moral também.</p>
--	--	--	--	---